

# A CONSTRUÇÃO RETÓRICA DA RAINHA BOUDICA COMO MULHER NA *HISTÓRIA ROMANA* DE DIÃO CÁSSIO

Bruno Soares Lima\*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apontar para a localização específica dos elementos retóricos presentes no texto do livro 62 da *História Romana* escrito por Dião Cássio em 221, tentando expor como o texto constrói e qualifica o gênero da rainha Boudica que liderou uma rebelião contra Roma na região da Bretanha no ano de 61.

**Palavras-chave:** Retórica; Dião Cássio; Gênero; Boudica.

**Abstract:** This article aims at pointing to specific rhetorical elements in the text of book 62 of *Roman History* written by Cassius Dio in 221, trying to expose how the text builds and qualifies the gender of Queen Boudica, who led a rebellion against Rome in the region of Brittany in the year 61.

**Keywords:** Rhetoric; Cassius Dio; Gender; Boudicca.

Nosso estudo terá como objeto de análise a relação de gênero estabelecida na narrativa sobre a rainha Boudica nos capítulos 2, 6, 7 e 11 do livro 62 da *História Romana* do escritor romano Dião Cássio, que viveu entre 150 e 231. O objetivo deste artigo é apontar para a localização específica dos elementos retóricos presentes nas passagens dos referidos capítulos que mostram Boudica liderando uma rebelião contra os romanos na região da antiga Bretanha. Propomos, a partir desses elementos, que o recorte da obra permite uma análise sobre o binômio homem *versus* mulher no período em que Dião Cássio escreveu. Posto desta forma, a problemática se apresenta na seguinte pergunta: se os referidos capítulos da obra permanecem essencialmente os mesmos, a leitura feita de Boudica muda através do tempo? E, se esse texto sobre a rainha que chega até nós traz vestígios das leituras feitas ao longo da sua transmissão, elas se diferenciam das outras feitas anteriormente? Ou, apenas as reproduzem?

Neste artigo, pretendemos demonstrar que essa leitura sobre Boudica na obra de Cássio muda e só é possível diferenciá-la, como discutimos mais a frente, a partir da categoria de gênero. Entendemos que a literatura, empossada de suas características estilísticas imanentes, como: suas particularidades criativas, suas figuras de linguagem, seus efeitos de sentido e seu propósito narrativo, dispõe dos mesmos critérios no ato narrativo tanto no relato histórico quanto no relato fictício, pois narrar é “a transição, através do tempo, de um estado de coisas a outro diferente, e um narrador nos conta essa mudança” (PERKINS, 1999, p. 1). Deste modo, o ser que faz esta transição não é um ser humano, mas uma forma literária (PERKINS, 1999, p. 3). É esta forma que guia o narrador na organização da narrativa, esclarecendo as escolhas, as omissões e as ênfases nos relatos das ações e descrições da personagem. Posto dessa forma, é difícil fazer uma leitura dos capítulos já mencionados do livro 62 da *História Romana* de Dião Cássio como uma imagem verdadeira e objetiva da rainha Boudica, pois sua narrativa é uma construção textual que se torna coerente a partir da própria audiência (SCHMIDT, 1996, p. 104), nesse sentido, entendemos que não se trata de afirmar se Boudica é verdade ou objetiva, mas se é plausível para o leitor destinatário da obra em relação ao seu contexto social. Nesse sentido, segundo Schmidt (1996, p. 105), posicionamos a leitura a partir do estabelecimento de relações, isto é, um a “concatenação dos dados”. É para essa “concatenação dos dados” que trazemos os conceitos de gênero desenvolvidos por Scott (1995), Rubin (1993) e Butler (2003). Estes conceitos se fazem necessários, pois a *História Romana* de Dião Cássio é uma obra grande, cobrindo o período de 69 a.C. a 229. Entretanto, os registros fragmentados dos livros que nos chegaram (OVERBECK, 1969, p. 135), aliados à questão composicional, por exemplo, o uso da imagem da mulher estrangeira selvagem e bárbara fazia parte do estereótipo

clássico das narrativas (BÉLO, 2014, p. 9), faz com que Boudica, em quase todos os aspectos, seja uma criação romana (BEARD, 2013, p. 155). Tais circunstâncias oferecem dificuldades consideráveis de interpretação. Apesar disso, estudar o livro 62 da obra de Dião Cássio, é buscar um olhar mais próximo do universo social do autor no seu lugar e no seu tempo na tentativa de recuperar a memória de uma mulher que foi pensada e viabilizada através da negação do seu gênero por parte da elite romana do século III. Dessa forma, o trabalho de Cássio permite construir uma memória social do contexto do autor dentro de seu grupo social, revelando o seu momento histórico. Na maneira como o escritor constrói Boudica, ele identifica sua visão perante a sociedade romana de sua época, por isso, estabelecer quem, onde e como a obra foi produzida, deve ser o compromisso de quem a estuda entendendo que esta deve ser vista como uma forma de comunicação social ao qual cabe ao estudioso separar-lhe os fatos de interesse histórico dos fatos de interesse poético, retórico e narrativo, envolvendo-se com a obra consciente dessas particularidades. Não perdendo de vista também o caráter ficcional que prende a atenção do leitor habitual, só então, o estudioso pode procurar dados históricos para compor o recorte a que se propõe analisar. Assim, em função do exposto até agora, pretendemos na última parte deste artigo localizar os elementos retóricos utilizados na qualificação do gênero da rainha Boudica, permitindo, primeiro, que a escrita do autor se conecte ao seu momento histórico. Outro aspecto que pontuaremos será a questão da identidade de gênero. Esse tema se tornou mais prevalente na historiografia nas últimas décadas com o advento do debate sobre os métodos e a escrita da História (FEITOSA, 2005; BÉLO, 2014, p. 23) e questionava a não inclusão de conceitos de homem e mulher na pesquisa historiográfica. Por isso, este artigo tem o seu objetivo guiado pela busca da mulher da Antiguidade observada a partir das características dadas por Dião Cássio no uso retórico que fizeram da personagem Boudica objeto de nossa análise.

162

### **Contexto da rainha Boudica, de Dião Cássio e noções de teoria e de retórica antiga**

As únicas fontes da incursão romana à Bretanha são as dos próprios romanos: duas obras de Tácito e uma de Dião Cássio, únicos autores a relatarem a revolta na região (PINTO, 2011, p. 106). Somadas a elas, temos os vestígios da cultura material descobertos nas últimas prospecções arqueológicas que compõe o grande acervo informativo sobre a rainha Boudica. No entanto, mesmo diante dos avanços teóricos e dos avanços dentro da arqueologia no início do século XX, Boudica continua a ser representada como mulher cruel, histórica, descontrolada, rainha assexuada ou

submissa ao romano civilizado (HUTCHEON, 1988, p. 85-89). Boudica sofreu muitas mudanças ao longo da história. Apesar disso, podemos traçar o contexto histórico da rainha. Ela era a viúva de Prasutagus, rei de Icenis, onde é hoje a região de Norfolk, na Inglaterra. Na época, os icenis eram um povo bretão que apoiava os romanos. Após a morte de Prasutagus, na segunda metade do século I, os romanos desonraram os muitos acordos que tinham com os icenis; além disso, consumiram as suas riquezas, açoitaram Boudica e estupraram suas duas filhas. Esses eventos levaram à rebelião liderada pela viúva em 61. Boudica reuniu seus exércitos e saiu em destruição num percurso que passou por várias cidades construídas pelo império e matando milhares de romanos, o que fez com que o então governador da Bretanha, Suetônio Paulino, tentasse defender uma dessas cidades em vão. Por fim, Suetônio Paulino conseguiu reunir as tropas em menor número e lutou pela retomada da ordem vigente. Os bretões foram massacrados pelas tropas romanas e a rainha morreu em consequência de uma doença (Dião Cássio, *História Romana*, 62.2.1-4).

Segundo Barnes (1984, p. 234-241), Dião Cássio nasceu em 150, na Bitínia, região que hoje corresponde a moderna Turquia. Ele era um membro de uma das grandes famílias da cidade de Niceia na mesma região. Após a morte do seu pai que havia sido senador romano e governador na Sicília e na Dalmácia, Dião Cássio foi para Roma, onde foi cônsul duas vezes. Sua maior obra, *História Romana*, foi redigida em língua grega, a partir da perspectiva da aristocracia e do Senado. O consenso sobre o arranjo deste documento é de que Cássio teria coletado seu material por dez anos no reino dos Severos e escrito entre 212 e 228 compreendendo o período desde sua fundação de Roma até tempo de Dião. Segundo Aalders (1986, p. 299) e Moscovich (2004, p. 356), a experiência profunda de Dião Cássio nos cargos importantes, incluindo os consulados enquanto membro do Senado, bem como conselheiro do imperador, faz com que seu trabalho se concentre fortemente na relação entre o imperador e o Senado. Ainda segundo Aalders (1986) e Moscovich (2004), Dião expressa sua preocupação com a ascensão do poder autoritário do príncipe e a invasão do mundo romano por outros povos. Seu trabalho está dividido em três partes: 1) Da origem a República; 2) A constituição da monarquia até a morte de Marco Aurélio; e 3) Seus próprios dias. A sua audiência, reforça Aalders (1986, p. 290-291), provavelmente, se destinava aos gregos que aspiravam postos romanos.

Disposto do contexto histórico da rainha e de Dião Cássio, podemos entender como a distância entre o ocorrido e o seu relato na escrita de Cássio passou por um filtro de gênero. Por isso, a importância de se abandonar conceitos sobre identidade de gênero projetada há décadas para não perdermos informações na análise textual e buscarmos a reconstrução da funcionalidade do documento. Esta proposta mostra

que existem outros aspectos manifestados na abordagem dos capítulos 2, 6, 7 e 11 do livro 62 que estão fortemente relacionados aos interesses e objetivos daqueles que os analisam. Por essa razão, procuramos trabalhar, com os estudos modernos sobre gênero, analisando a sua inserção na estrutura dos elementos retóricos na obra. Os identificadores de identidade *homem, masculino, mulher, feminino* podem ou não estar associados com o físico humano. Esses identificadores nem sempre atuam da mesma forma. Dião Cássio parece não reconhecer Boudica como uma personagem feminina, pois a masculiniza, dando um indício sobre o papel das mulheres que o autor entende e representa em sua obra em relação à sociedade de sua época. Por exemplo, as cenas do discurso de Boudica. Nessas cenas, a rainha domina, tem uma voz ativa, mas sua construção é caracterizada por comentários que se opõem ao que o autor acabou de relatar; à *mulher* Boudica, estereotipada, é descrita no texto com observação corporal completa, pois, embora, no relato, ela seja muito intimidadora para os que ouvem o seu discurso, Dião Cássio controla-lhe o corpo através de sua representação. Joan Scott (1995, p. 14) se interessa pelos significados culturais que envolvem a diferença entre os corpos e de como são construídos os símbolos e significados de sua percepção. O livro 62 começa em plena ação com Boudica discursando diante das tropas, preparando-as para a batalha. Uma descrição masculinizada é feita. Está vestida como uma guerreira. Então, chega a hora de guerrear. Ela enfia a lança no chão e estende a mão apontando para os soldados romanos em tom ameaçador, então, um comentário de Dião Cássio (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.2.1-2) chamando a atenção para o fato de Boudica ser uma mulher que fez tudo aquilo que nunca fora visto antes, que não age como as outras mulheres. Isso já quebra o que Scott (1995) chama de símbolo da mulher frágil. Mas, ao mesmo tempo, a joga em outro estereótipo. Uma representação de que Dião Cássio lança mão e que é fruto de um pensar retórico. Por isso, o maior problema para as construções modernas sobre a rainha Boudica está no fato de que os estudiosos utilizam fontes antigas, mas, muitos deles dão pouca ou nenhuma importância a como empregavam ou como os diálogos foram produzidos, pois os criavam diálogos que provavelmente jamais ocorreram e lançavam mão de modelos pré-estabelecidos sobre o uso do passado nas linhas de seus textos (BRAUND, 1996, p. 118). Os diálogos, a fantasia erótica masculina patriarcal, as mulheres poderosas de figuras bárbaras, como as amazonas, por exemplo, compõem as histórias desse tipo e são referências dominadas pela aristocracia romana masculina (CANTARELLA, 1999, p. 157). A própria organização da batalha na Bretanha organizada por Dião Cássio segue uma repetição da fórmula usada pelos escritores gregos e latinos ao narrarem revoltas (BRAUND, 1996, p. 119). As fontes literárias clássicas foram escritas para num contexto histórico particular. Não se trata aqui de apontar as fontes clássicas como tendenciosas, mas

entender esses elementos textuais as constituem. Por isso, precisamos entender um pouco sobre o homem *versus* mulher (SCOTT, 1995, p. 16,19).

Nesse sentido, Gayle Rubin (1995) em *O tráfico de mulheres* faz a distinção entre sexo e gênero dando elementos para o conceito de gênero. A distinção entre sexo e gênero feita por Rubin fertiliza um caminho que otimiza a análise, o que é consistente com a nossa hipótese, mas compreender a estrutura da atividade humana, como a atividade sexual em social, levando em conta a importância das jogadas em termos de sexualidade e conexão também. A ideia de Rubin é desnaturalizar a abordagem heterossexual em abordagens analíticas. Rubin (1993) pode ser usada para entendermos o porquê disso. No seu livro, ela fala sobre os reflexos provenientes das relações de poder dentro de uma sociedade. A Boudica de Cássio surge dentro desse contexto. É interessante notar que a obra de Dião ao produzir o modelo patriarcal por meio dos tipos de personagens e estrutura retórica faz da mulher Boudica um modelo inapropriado para ser seguido, pois em cada atributo apresentado por Cássio sobre a rainha, segue um dêitico neutralizando esse atributo. Com isso, a obra pode dar margem para uma leitura de pensar como naquela época era estranho ver uma personagem mulher agir como agiam os personagens homens. No capítulo 2 do livro 62 é possível ver diante de nós a mulher que fala grosso, pisa forte e rosna para intimidar seus opressores. Ao longo do desenvolvimento há um discurso contínuo dessa personagem sobre o papel social da mulher na época, desde um discurso contínuo dessa desde comportar-se diante de outros homens. Esses elementos acabam contribuindo para a formação sobre o papel social da mulher contribuiu para a criação estereótipos impostos à imagem da mulher que perduraram por séculos afins. É por isso que do ponto de vista teórico, elas podem sim ser protagonistas sem serem estereotipadas. E para materializar esse pensamento, ainda nos serve a Boudica de Dião. Assim, com base nessas duas autoras, podemos compreender o conceito de gênero da seguinte forma:

- Sexo biológico: macho e fêmea. Atribuído com base nos órgãos genitais.
- Gênero: papel social e cultural atribuído às percepções de masculino e feminino.
- Identidade de gênero: gênero com que a pessoa se identifica.
- Orientação sexual: tem a ver com o gênero pelo qual a pessoa desenvolve atração sexual e laços românticos.

A Boudica de Dião Cássio se enquadra na questão da identidade de gênero. Butler (2003) trata desse conceito no livro *Problemas de Gênero*. Nele, seu tema principal é a caracterização identidade de sexo e de gênero como performativa. Abordar a questão de como a identidade gênero/sexual é constituída através do discurso e, como consequência, é aberta a certas formas de intervenção dela. Butler (2003) argumenta contra a crença de que o sexo e o corpo são entidades manifestas naturalmente.

Butler argumenta, ao contrário, que o gênero não é natural e que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu gênero. As identidades gênero existem e, dentro da lei, são ideais para si próprio. Butler coloca essa liberdade como uma forma de interpretar e reordenar as normas de gênero existentes. Nesse sentido, o conceito de gênero renova a abordagem analítica. Se o sexo é um ato repetitivo do sistema, a identidade é criada através do discurso, a performatividade é uma ação que aparece em linguagem. Esse conceito cria possíveis cenários de gênero que direcionam sua atenção para a peculiaridade de todas as identidades, e possíveis visões de Dião Cássio sobre a rainha Boudica. Butler enfatiza a aparência da subversão de que, quando o sexo foi erradicado.

O tema para ser acessível à retórica precisa ser para Aristóteles (*Ars Rhetorica*, 1357a): a) aquele que pode ser deliberado; b) aquele que está fora da abrangência de alguma ciência; e c) aquele que pode ser tratado diante de pessoas comuns. Os temas que podem ser deliberados o são porque são controversos, porque não se delibera senão acerca daquele tema que admite mais de um modo de pensar. Os temas devem estar fora da abrangência de alguma ciência porque a retórica não trata de temas sobre os quais se tem certeza. E, os temas devem ser passíveis de tratamento diante de pessoas comuns porque são tratados sempre assuntos do conhecimento de todos, pois estão no passado, no presente ou no futuro de que fazem parte e que de um modo ou de outro foram, serão, ou são duvidosos. Depois, de nos atermos ao tema, precisamos pensar no perfil da audiência (Arist., *Rh.*, 1358b). Sobre os seus tipos: a) os que pensam ou decidem sobre coisas passadas; b) os que pensam ou decidem sobre coisas futuras; e, c) os que pensam ou decidem sobre coisas presentes. O tipo de ouvinte que pensa ou decide coisas passadas é o magistrado num tribunal; o que pensa ou decide sobre coisas futuras são os membros de uma assembleia ou conselho; e, o que pensa ou decide sobre o presente é o público de espectadores que buscam recreação.

Desses três tipos de público é que decorrem os três gêneros retóricos, voltados respectivamente aos três tipos diferentes de ouvintes, a saber: gênero judiciário (magistrado em um tribunal), gênero deliberativo (membros de uma assembleia) e gênero epidíctico (público de espectadores) (Arist., *Rh.*, 1368b). Seja qual for o tipo de ouvinte, é preciso usar as chamadas provas retóricas, que, segundo Aristóteles (*Rh.*, 1355b-1356a), podem ser "técnicas" ou "não técnicas". As provas técnicas são que seja fruto da criatividade do orador; já as provas não técnicas são usadas pelo orador, mas que não foi produzido por ele, como: a) testemunhos; b) contratos; e, c) confissões obtidas por meio de tortura. As provas técnicas são três, a saber: *éthos*, que se atêm ao caráter do orador; *páthos*, que serve para pôr o auditório no estado de espírito certo; e, *lógos* que se volta para o uso do próprio discurso e sua organização. Todos esses

gêneros precisam das três provas técnicas, mescladas, só que com uma predominando em relação às outras. Assim, no gênero judiciário, temos a predominância do *páthos* que é seguido por uma predominância média do *lógos* e uma predominância pequena do *éthos*; no deliberativo, temos a predominância do *éthos* que é seguido por uma predominância média do *lógos* e uma predominância pequena do *páthos*; e, no epidíctico, predominância do *lógos*, seguido do *páthos* e *éthos*. Depois, temos a demonstração, que é a parte da apresentação formal das provas dando um ponto de partida a que se quer chegar ou dirigir a audiência. As demonstrações são: entimemas que trabalham com o lugar comum, *tópos*, máximas, exemplos e amplificações. Para Aristóteles (*Rh.*, 1403a), a demonstração deve ser adequada ao gênero retórico. Assim, no gênero judiciário temos um predomínio dos entimemas e das máximas, mas sem deixar de lado os exemplos e as amplificações; enquanto que no gênero deliberativo, temos maior ocorrência dos exemplos, novamente, sem deixar de lado os entimemas, as máximas e as amplificações; e, por fim, no gênero epidíctico, temos mais da amplificação sem excluir as máximas, os exemplos e os entimemas. Por último, temos as fases de composição retórica. Primeira fase: *inuentio* (invenção) consiste em achar o que dizer e descobrir de onde tirar as provas; segunda fase: *dispositio* (disposição) é a função que impõe ao orador a necessidade de ordenar as partes do discurso e as provas encontradas na *inuentio*; terceira fase: *elocutio* (elocução) é o modo de apresentação das ideias que foram encontradas e ordenadas (Arist., *Rh.*, 1403b). Com o *inuentio* já pensado, o *elocutio* definido, resta-nos *dispositio*. Aristóteles (*Rh.*, 1414a) resume a *dispositio* nas seguintes partes: a) *exordium* ou proêmio; b) *narrativo* ou narração, que se subdivide em: I. *expositio* – exposição da causa e II. *refutatio* ou refutação; c) *probatio*, ou prova; d) *epilogus* ou epílogo. Concluído o nosso quadro teórico dos conceitos retóricos que empregaremos aqui, seguimos com a análise.

167

1. Enquanto esse tipo de brincadeira de criança estava acontecendo em Roma, ocorreu um terrível desastre na Grã-Bretanha. Duas cidades foram saqueadas, oitenta mil dos romanos e seus aliados pereceram, e a ilha estava perdida de Roma. Além disso, toda essa ruína foi trazida aos romanos por uma mulher, fato que em si causou-lhes a maior vergonha. Na verdade, o céu deu-lhes indicações da catástrofe antecipadamente. 2. Durante a noite, foi ouvido falar no jargão estrangeiro da casa do Senado, misturado com gargalhadas, dos gritos e lamentações do teatro, embora nenhum homem mortal tivesse pronunciado as palavras ou os gemidos; o oceano entre a ilha e a Gália se encheu de sangue vermelho cresceu na maré transbordante (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.1.1-2).

O trecho apresenta retoricamente, uma mulher estrangeira nos moldes da aristocracia masculina romana; historicamente uma revolta envolvendo questões políticas e questões sobre liberdade. Trata-se de um lugar comum, ou seja, da relação

entre homens e mulheres visto pelos estamentos mais altos da sociedade romana. O aspecto do trecho acima existe para estabelecer o tema do livro pode ser destacado no trecho: “[...] Além disso, toda essa ruína foi trazida aos romanos por uma mulher, fato que em si causou-lhes a maior vergonha [...]” um trecho marcado pelo espaço comum no qual esse tipo de personagem se insere. Portanto, como dito anteriormente, não há elementos originais na criação do texto da obra, mas, sim, a prospecção de elementos contextuais reais, articulados em um percurso ficcional, para se atingir um objetivo: o da venda de uma mulher guerreira nos moldes de exotismo imaginados pela aristocracia masculina romana. No contexto da obra de Dião Cássio, entendemos que a declaração: “fato que em si causou-lhes a maior vergonha” não é espontânea. O autor se utiliza da articulação retórica em seu discurso em função do seu tipo de leitor. Todo esse percurso ficcional, marcado pelos diálogos e pela estrutura padronizada de se narrar rebeliões são ancoradas em situações e fatos reais o que conduz a audiência da obra para aquisição da representação de Boudica feita no texto como atrativo para a audiência. Esta, podemos pensar, vê as mulheres de fora da cidade de Roma como exóticas. Então, o autor vai explorar esse exotismo através das paixões que esta desperta no seu público. Aristóteles em sua *Retórica* (1378b) define a paixão (*páthos*) como o que move o homem para a ação. Na lista das paixões figuram sensações que são acompanhadas de dor ou de prazer. Para Aristóteles as provas devem ser utilizadas em função das idéias do público, já que o *páthos* é a “afeição” do público, que o afeta. Nesse processo, coloca-se a visão da audiência como foco central e as paixões como parte da linguagem ficando evidente que o *éthos* do autor, visto que este é construído a partir do *páthos* da audiência, isto é, o que todos acreditam como verdade. Por isso, o primeiro capítulo do livro 62 da *História Romana* de Dião Cássio começa em seu apelando ao *páthos* de sua audiência:

1. Enquanto esse tipo de brincadeira de criança estava acontecendo em Roma, ocorreu um terrível desastre na Grã-Bretanha. Duas cidades foram saqueadas, oitenta mil dos romanos e seus aliados pereceram, e a ilha estava perdida de Roma. Além disso, toda essa ruína foi trazida aos romanos por uma mulher, fato que em si causou-lhes a maior vergonha (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.1.1, grifo nosso).

Observemos que o trecho em destaque no meio da primeira seção do livro 62 cria o desejo da audiência pelo conteúdo atizando-lhes as paixões. Notamos que o *páthos* explorado na construção do texto em análise permeia a noção de real e de ficcional para produzir os seus efeitos. Olhando dessa perspectiva, fica claro, pois o que se quer na construção textual não é muito diferente do que é vivido na realidade: reiterar as diferenças entre os gêneros (masculino-feminino) e alienação das relações de poder (centro-periferia; romano-estrangeiro).

2. Mas, a pessoa que era, principalmente, um instrumental em cativar os nativos persuadindo-os a lutar contra os romanos, a pessoa que foi considerada digna de ser sua líder e que dirigiu a condução de toda a guerra, era Boudica, uma mulher bretã da família real possuidora de maior inteligência do que frequentemente pertence às mulheres. 3. Esta mulher reuniu seu exército, para o número de cerca de 120.000, e depois subiu a um tribunal o qual tinha sido construído de terra à moda romana. Em estatura, ela era muito alta; na aparência, o mais aterrorizante; de relance, seu olhar era o mais feroz; sua voz era dura; 4. uma grande massa do cabelo mais castanho caía em seus quadris, ao redor do pescoço estava um grande colar de ouro, e ela usava uma túnica de cores variadas sobre as quais um manto grosso estava preso com um broche. Esta era seu traje invariável (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.2.2-4).

Nesse trecho, ainda exploramos o *exordium* da obra. O autor representa a rainha Boudica como uma mulher com uma maior inteligência do que muitas vezes possuem as mulheres “[...] uma mulher bretã da família real possuidora de maior inteligência do que frequentemente pertence às mulheres. [...]”. E os lugares comuns da audiência começam a ser transitados pelo autor, que começa a construir Boudica. Alta, de aparência aterrorizante, olhar feroz, voz dura com cabelos ruivos caindo até os quadris. Em suma, se traduz, no que tange às estratégias retóricas da obra analisada, nas escolhas feitas pelo autor a partir do perfil dos seus contemporâneos no efeito com que pretendeu atingi-lo, ou seja, a paixão (*páthos*) suscitada pela imagem de uma mulher de fora dos limites da cidade de Roma que tanto preencheu o imaginário da aristocracia masculina romana; que pode ser averiguada pelo conjunto das relações *éthos* vs. autor, *páthos* vs. leitor e pela aplicação da matéria retórica no gênero literário adequado (*lógos*). Essa tríade pode ser visualizada no *exordium*, tendo em vista que trabalha com as questões de comoção e atração da audiência, por meio da manipulação de suas paixões, devendo entre os fatos e as provas estabelecer a linha narrativa. A expectativa criada movimentava os sentimentos através do visual estabelecido na obra sobre a rainha Boudica.

1. Uma desculpa para a guerra foi encontrada no confisco das somas de dinheiro que Cláudio havia dado aos bretões mais importantes; estas somas, conforme *Decianus Catus*, mantido procurador da ilha, deveriam ser pagas de volta. Este foi um dos motivos da revolta; outro foi encontrado no fato de que Seneca, na esperança de receber uma boa taxa de interesse, havia emprestado aos habitantes da ilha 40.000.000 sestércios que eles não queriam, e depois reclamou este empréstimo de uma só vez e recorreu a medidas severas para exigí-lo (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.2.1).

Essa *narratio* cumpre uma necessidade básica e latente entre os membros da elite romana para quem Dião parece se dirigir, pois tem a função primordial de divulgar informações vistas como básicas e estabelecer a linha de raciocínio que será seguida. O autor se distancia pelo discurso ao estabelecer uma projeção desejosa de seu trabalho

por meio de seu *éthos* imaginário; não é mais Dião Cássio que fala, mas a própria obra, a própria Boudica. São nestas circunstâncias que os leitores se deparam com o primeiro discurso de Boudica à suas tropas:

Ela agora agarrou uma lança para ajudá-la a aterrorizar a todos os espectadores e falou como segue: 2. Vocês aprenderam através da atual experiência o quão diferente é a liberdade da escravidão. Consequentemente, embora alguns de vocês possam anteriormente, por meio da ignorância, que era melhor, terem sido enganados pelas promessas sedutoras dos romanos, ainda agora, vocês tentaram ambos; aprenderam com o grande erro que cometeram ao preferirem um despotismo importado ao seu modo de vida ancestral, vocês perceberam o quão melhor é a pobreza com nenhum mestre do que a riqueza com a escravidão. Para que tratamento há do tipo mais vergonhoso ou doloroso que não sofremos desde que esses homens fizeram sua aparição na Bretanha? Nós não fomos roubados inteiramente da maioria de nossos bens, aqueles que são os melhores, enquanto que para aqueles que permanecem pagamos impostos? 3. Além de pastorear e cultivar para eles todos os nossos outros bens, não pagamos um tributo anual para nossos próprios corpos? Quão melhor seria ter sido vendido aos mestres de uma vez por todas, possuindo títulos vazios de liberdade para ter de resgatar todos os anos. Quão melhor ter sido morto e ter perecido do que ir com um imposto sobre nossas cabeças. Ainda por que eu menciono a morte? 4. Pois até morrer não é livre de custo com eles. Além disso, vocês sabem quais taxas nós depositamos mesmo para nossos mortos? Entre o resto da humanidade, a morte livra mesmo aqueles que estão em escravidão para os outros; só no caso dos romanos, os mortos permanecem vivos para seu lucro. 5. Por que isso, embora nenhum de nós tenha algum dinheiro (como, de fato, poderíamos, ou onde a conseguiríamos?) somos despojados e despojados como vítimas de um assassino? E por que os romanos devem se mostrar com moderação com o passar do tempo, quando se comportaram com a gente dessa maneira desde o início, quando todos os homens mostraram consideração com as bestas que eles recém capturaram (D. Cass., *Hist. Rom.*, 62.2.2-5).

170

Ao longo do discurso, podemos observar uma fala que busca reproduzir a dificuldade enfrentada pelos bretões. Essa dificuldade, representada em vários pontos do discurso de Boudica, busca seduzir e cativar o leitor pela identificação com as emoções apresentadas, ou seja, pelos sentimentos provocados. “Ela agora agarrou uma lança para *ajudá-la* a aterrorizar a todos os espectadores” (grifo nosso). Pois, Boudica fala no texto em segunda pessoa: “Vocês aprenderam [...]”, “[...] embora alguns de vocês possam [...]”, “[...] vocês tentaram [...]” criando um efeito dela se dirigindo aos leitores como se eles fossem a sua própria audiência.

### Considerações finais

A retórica aristotélica composta da *inuentio*, *dispositio* e *elocutio* foi o procedimento de análise do livro 62 da *História Romana* de Dio Cássio. No entanto,

foi necessário observar, também o lugar da obra no tempo e no espaço a fim de observar efeitos produzidos (efeitos de ficção, de real e de gênero). Podemos afirmar que, no gênero literário da obra, há, em seu interior, efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos do gênero literário. Na busca do efeito de real, temos uma mulher rebelde e transgressiva que reflete monopolização feminina por parte da estrutura de poder vigente. Além disso, concluímos que lidar com representação feminina em fontes antigas exige consciência do relacionamento do escritor individual com o período que ele está tratando (tendo em vista as fontes são invariavelmente masculinas), pois devemos abertos ao entendimento que há influências em vigor sobre autor e há conceitos a que ele é propenso. Por isso, além de reconhecer a capacidade textual de Dião Cássio em direcionar o tratamento de seu sujeito a um fim predeterminado e muitas vezes tendencioso, também devemos aceitar que seu objetivo era tanto o fornecimento de informações, até porque a obra se chama *Historia Romana*, como produção de literatura. Por isso, como resultado, ele foi suscetível ao embelezamento que no caso faz parte da estrutura retórica. por causa de sua função literária. Voltando à rebelião de Boudica, ficamos com o familiar mistério da experiência histórica da mulher, mediada pela retórica de gênero dos intérpretes masculinos. No final, uma exploração necessária das práticas discursivas que colonizam as realidades vividas de mulheres reais nos tempos antigos e que devem ser constantemente expostas. Se não o forem, as implicações deste quadro narrativo para a representação das relações de gênero na Bretanha romana e na própria deixa-se de perceber que Dião Cássio aplica os princípios da retórica no gênero. Participar desse registro exige que o leitor moderno reconheça essas proposições sempre esclarecedoras das questões de gênero retratadas pelos autores antigos.

171

## Referências

- AALDERS, Gerhard Jean Daniël. Cassius Dio and the Greek World. **Mnemosyne**, v. 39, fasc. 3/4, p. 282-304, 1986.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- BARNES, Timothy David. The Composition of Cassius Dio's Roman History. **Phoenix**, v. 38, n. 3, p. 240-255, 1984.
- BEARD, Mary. **British Queen in Confronting Classics: Traditions, Adventures, and Innovations**. London: Profile, 2013.
- BÉLO, Tais Pagoto. **Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-

Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BRAUND, David. **Ruling Roman Britain: Kings, Queens, Governors and Emperors from Julius Caesar to Agricola.** London: Routledge, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANTARELLA, Eva. **Pompei – I volti dell’amore.** Milano: Mondadori, 1999.

DIO CASSIUS. **Roman History.** Cambridge: Harvard University, 1995. 4 v.

FEITOSA, Lourdes Conde. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia.** São Paulo: AnnaBlume, 2005.

MOSCOVICH, M. James. Cassius Dio’s Sources for the Reign of Septimus Severus. **Historia - Zeitschrift fur Alte Geschichte**, v. 53, n. 3, p. 356-368, 2004.

OVERBECK, John C. Tacitus and Dio on Boudicca’s Rebellion. **The American Journal of Philology**, v. 90, n. 2, p. 113-135, 2007.

PERKINS, David. História da literatura e narração. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, v. 3, n. 1, 1999.

PINTO, Renato. **Dois Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana.** Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de Mulheres: notas sobre a “Economia política” do sexo.** Recife: SOS Corpo, 1993.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). **Histórias de literatura: as novas teorias alemãs.** São Paulo: Ática, 1996. p. 101-133.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.